

**OBRA INDICADA PELA UFPI/PSIU
3º ANO ENSINO MÉDIO**

RESUMO DE OBRA

Morte e Vida Severina

João Cabral de Melo Neto

Morte e Vida Severina

João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto nasceu em 1920, no Recife(PE). Passou sua infância em engenhos de açúcar, convivendo com o povo e a paisagem de sua região natal. cursou até o 2o. grau em colégio marista, não tendo frequentado curso superior. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1942, onde trabalhou como funcionário público. Ingressou, em 1947 na carreira diplomática, da qual encontra-se aposentado.

O poeta, cronologicamente, pertence à chamada Geração de 45 do Modernismo brasileiro. Essa geração contextualiza-se historicamente no fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Era Atômica. No Brasil, 1945 marca o fim da Ditadura de Vargas, iniciando o processo de uma redemocratização brasileira.

João Cabral inicia sua produção poética aos dezessete anos, mas é em 1942 que publica Pedra de Sono, sua primeira obra. É seguida por O Engenheiro (1945), Psicologia da Composição (1947), O Cão sem Plumagem (1950), O Rio (1954), Duas Águas (1966, incluindo Morte e Vida Severina), Quaderna (1960), Dois Parlamentos (1961), Terceira Feira (1961) e A Educação pela Pedra (1966).

Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1969.

Os poetas que constituíram a Geração de 45 tomaram caminhos diversos, porém a conciliação das conquistas do Modernismo com a reabilitação de regras mais rígidas para a composição do verso foi o ponto comum a todos.

"Morte e Vida Severina é um auto de natal pernambucano, produzido em 1954/5) e publicado em 1965. Trata-se da obra mais popular de João Cabral, seja por ter sido muito encenada, por ter sido musicada por Chico Buarque de Hollanda ou pela própria abordagem do autor.

Essa obra, que foi magistralmente encenada pelo TUCA, revela a triste peregrinação de um (dos muitos) Severino, que saindo da Serra da Costela, limite da Paraíba, vai até Recife, encontrando a seca, a fome e a morte por todo o caminho.

Quanto ao estilo, a linguagem é elaborada com precisão e rigor matemático, cerebrina, concreta, realista; todo o adorno e elemento desnecessário é subtraído, recriando-se, através de palavras, a mesma atmosfera de seca, privação e morte que acompanha o retirante.

Quanto à estrutura, a peça teatral (auto de natal pernambucano), construída a partir de dezoito subitens que assinalam a jornada de Severino. Cada subitem equivale a um pequeno ato ou cena, em que narram aspectos relativos às pessoas, à miséria e à região que é focalizada pelo escritor.

Quanto à composição das cenas, a obra é composta a partir de dezoito subitens que assinalam a jornada de Severino, o retirante. Essas jornadas são pequenos atos ou cenas, feito à maneira dos autos natalinos e se alinhavam da seguinte maneira:

Nas doze cenas iniciais estão narradas as peregrinações do herói, iniciadas com um prólogo em primeira pessoa, explicando quem é S(s)everino e a que vem, até o encontro com "José", mestre

carpina. O protagonista assiste a cada ato, mas não participa, sendo uma espécie de espectador das diferentes formas de morte que vai encontrando no caminho. O protagonista só participa da ação em três de seus encontros: primeiro dialoga com dois homens que carregam na rede um defunto (2a. cena); depois, conversa com a mulher "que vive da morte ajudar", quando resolve descansar da travessia e procurar trabalho (6a. cena); finalmente, no encontro do mestre Carpina (12a. cena). Nas três cenas referidas, a forma de participação do protagonista é estabelecida com o diálogo,

Em seis cenas finais estão o anúncio do nascimento, as loas(elogios), a predição das ciganas e a entrega de oferendas. Nesse espetáculo da vida, Severino é somente um espectador. Na cena final há uma breve conclusão que remata a peça e une as partes.

As cenas da morte

1a. cena

A peça é aberta com a explicação de severino que se apresenta e diz a que vem:

-O meu nome é Severino,	Somos muitos Severinos
não tenho outro de pia	iguais em tudo na vida;
Como há muitos Severino,	na mesma cabeça grande
que é santo de romaria	que a custo é que se equilibra,
deram então de me chamar	no mesmo ventre crescido
Severino de Maria;	sobre as mesmas pernas finas
como há muitos Severinos	e iguais também porque o sangue
com mães chamadas Maria,	que usamos tem pouca tinta.
fiquei sendo o da Maria	E se somos Severinos
do finado Zacarias.	Iguais em tudo na vida,
Mas isso ainda diz pouco:	morremos de morte igual,
há muitos na freguesia,	mesma morte severina:
por causa de um coronel	que é a morte de que se morre
que se chamou Zacarias	de velhice antes dos trinta,
e quer foi o mais antigo	de emboscada antes dos vinte,

Na primeira parte da obra, as peregrinações do protagonista servem para revelar seus diferentes encontros com a morte. No entanto, a morte não é única, é diversificada, assumindo características próprias em cada uma das cenas.

2a. cena

A primeira morte é a de emboscada. Severino trava diálogo com dois homens que carregam um defunto embrulhado na rede, saindo quase melancólico o estribilho "irmãos das almas". Na cena acontece a denúncia daqueles que abusam do poder, matam para tomar posse da terra e jamais são incriminados. Ao mesmo tempo desperta a solidariedade do andarilho.

-E foi morrida essa morte,	tão cobiçada?
irmãos das almas,	-Tinha somente dez quadras,
essa foi morte morrida	irmãos das almas,
ou foi matada?	todas nos ombros da serra,
-Até que não foi morrida,	nenhuma várzea.
irmãos das almas,	-Mas então por que o mataram,
esta foi morte matada,	irmãos das almas,
numa emboscada.	mas então por que o mataram
-E o que guardava a emboscada,	com espingarda?
irmãos das almas,	(..)
e com que foi que o mataram,	-E agora o que passará,
com faca ou bala?	irmãos das almas,
-Este foi morto de bala,	o que é que acontecerá
irmãos das almas	contra a espingarda?
mais garantido é de bala,	-Mais campo tem para soltar,
mais longe vara.	irmãos das almas,
-E quem foi que o emboscou,	tem mais onde fazer voar
irmãos das almas,	as filhas-bala.

quem contra ele soltou (...)

essa ave-bala? -E poderei ajudar,

-Ali é difícil dizer, irmãos das almas?

irmãos das almas, vou passar por Toritama,

sempre há uma bala voando é minha estrada.

desocupada. -Bem que poderá ajudar,

(...) irmãos das almas,

-E era grande sua lavoura, é irmão das almas quem ouve

irmãos das almas, nossa chamada.

lavoura de muitas covas,

Comentários:

Nessa passagem temos a denúncia da ganância humana. Os irmãos das almas contam a Severino que o morto possuía uns hectares de terra, "pedra e areia lavada", que alguém ambicionava. Plantava entre as pedras umas dez quadras de palha. O emprego da repetição faz lembrar certas cantorias, muito comuns no Nordeste. A passagem transcrita emprega versos redondilhas maiores combinados com versos de quatro sílabas poéticas.

3a. cena

A segunda forma de morte encontrada é a própria natureza agreste do sertão. O retirante vê o seu rio-guia, o Capibaribe, seco.

Antes de sair de casa
aprendi a ladainha
das vilas que vou passar
na minha longa descida.
Sei que há muitas vilas grandes,
cidades que elas são ditas;
sei que há simples arruados,
sei que há vilas pequeninas,
todas formando um rosário
cujas contas fossem vilas,
todas formando um rosário
de que a estrada fosse linha
.....
Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:

ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia.
Mas como segui-lo agora
que interrompeu a descida?"

Comentários:

O elemento da seca faz parte da paisagem, denunciando um dos maiores males vividos pelo homem sertanejo: os leitos secos dos rios. A confusão causada no personagem decorre do fato de que ele acompanhava o leito do Capibaribe que, agora seco, se mistura com o cenário desolador.

4a. cena

Temeroso de perder o rumo, prossegue a viagem, indo em direção do som da cantoria e Severino depara com um velório, No momento das excelências, dois homens começam a imitar o som das vozes dos que rezam.

-Finado Severino,
quando passares em Jordão
e os demônios te atalharem
perguntando o que é que levas...

-Dize que levas cera,
capuz e cordão
mais a Virgem da Conceição.

-Finado Severino,
etc...

-Dize que levas somente
coisas de não:
fome, sede, privação.

-Finado Severino,
etc...

-Dize que coisas de não,
ocas leves:
como o caixão, que ainda deves.

-Uma excelência
dizendo que a hora é hora.

-Ajunta os carregadores
que o corpo que ir embora.

-Duas excelências...

-....dizendo é a hora da plantação.

-Ajunta os carregadores...

-...que a terra vai colher a mão.

Comentários:

A transcrição acima deixa bem claro a incorporação da cultura popular nordestina ao corpo do poema. Essa cantiga popular, muito utilizada em todo o sertão, dá ao poema o caráter regionalista que se tornou sua marca.

5a. cena

O retirante cansado interrompe a viagem e procura trabalho. Em solilóquio, Severino retoma os motivos que o fizeram partir: está à procura da vida, de certa maneira, tenta estendes a sua própria vida, ultrapassar os trinta, catando migalhas que lhe permitem a sobrevivência. Neste momento, ele percebe que está em busca de vida, mas só encontra mortos:

-Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina
(aquela vida que é menos
vívida que defendida,
e é ainda mais severina
para o homem que retira).
Penso agora: mas por que
parar aqui eu não podia
e como o Capibaribe
interromper minha linha?

6a. cena

Novo diálogo é estabelecido, desta vez com uma mulher "que depois ele descobre tratar-se de quem se saberá". Mulher "que se não é rica,/ parece remediada/ou dona de sua vida". Em torno de tanta miséria, como pôde ficar rica? Enquanto Severino vai desafiando o que sabe fazer - lavrar até em pedra, fazer roçado das culturas típicas e do açúcar...-, o leitor descobre que o conhecimento adquirido por ele não pode ajudá-la, pois o que ele precisa fazer para trabalhar com a mulher é pouca coisa, e justamente são essas coisas que ironicamente revelam quem ela é:

-Vou explicar rapidamente, logo compreenderá: como aqui a morte é tanta, vivo de a morte ajudar.	-Como aqui a morte é tanta, só é possível trabalhar nessas profissões que fazem da morte ofício ou bazar.
-E ainda se me permite que lhe volte a perguntar: é aqui uma profissão trabalho tão similar?	Imagine que outra gente de profisão similar, farmacêuticos, coveiros, doutor de anel no anular,

-É, sim, uma profissão, remando contra a corrente
e a melhor de quantas há: da gente que baixa ao mar,
sou de toda a região retirantes às avessas,
rezadora titular. sobem do mar para cá.
-E ainda se me permite Só os roçados da morte
mais outra vez indagar: compensam aqui cultivar,
é boa essa profissão e cultivá-los é fácil:
em que a comadre ora está? simples questão de plantar;
-De um raio de muitas léguas não se precisa de limpa,
vem gente aqui me chamar; de adubar nem de regar;
a verdade é que não pude as estiagens e as pragas
queixar-se ainda de azar. fazem-nos mais prosperar;
-E se pela última vez e dão lucro imediato;
me permite perguntar: nem é preciso esperar
não existe outro trabalho pela colheita: recebe-se
para mim neste lugar? na hora mesma de semear.

Comentários:

O protagonista percebe que a mulher da janela é remediada, nem rica, nem pobre. Interrogado por ela sobre suas habilidades, Severino declara ser agricultor de roças cabíveis àquela região e estar acostumado a lidar com aquele tipo de terra, além de saber cuidar de gado e trabalhar no engenho. Sua interlocutora diz que são profissões inúteis na região, porque os bancos não financiam mais agricultura, não há gado na região e as usinas substituíram o engenho. Lá só há profissões ligadas à morte, como coveiros, cantadores de excelências e rezadores, como ela. Sugere que o retirante associe-se a ela, pela abundância de mortes e pelo lucro imediato.

7a. cena

A caminhada prossegue e o retirante chega à Zona da Mata. Em contato com a terra mais "branda e macia", já próxima do litoral e com rios que não secam, Severino percebe que pode aí se estabelecer, vê uma leve esperança balançar, decerto pela aparente riqueza do lugar:

Agora afinal cheguei
nessa terra que diziam.
Como ela é uma terra doce
para os pés e para a vista.
Os rios que correm aqui
têm a água vitalícia.
Cacimbas por todo lado;
cavando o chão, água mina.
Vejo agora que é verdade
o que pensei ser mentira.
Quem sabe se nesta terra
não plantarei minha sina?

8a. cena

Esta cena vem em resposta aos versos que finalizam a anterior. Por que não havia gente no lugar? Os trabalhadores levam um morto ao cemitério, um trabalhador eito (da roça). Severino-observador ouve o que dizem os amigos do finado. Uma raiva até então contida vai crescendo, acompanhada do ritmo da poesia que salta de versos em redondilhas menores (5) até versos eneassílabos, sofrendo cortes rápidos, o que dá a impressão de tumulto:

-Essa cova que estás com palmos medida, é a conta menor que tiraste em vida.	-É uma cova grande para tua carne pouca mas à terra dada não se abre a boca. (...)	-Trabalharás numa terra que também te abriga e te veste: embora com brim do Nordeste. (...)
-É de bom tamanho, nem largo nem fundo, é a parte que te cabe deste latifúndio.	-Viverás, e para sempre, na terra que aqui aforas: e terás enfim tua roça. -Aí ficarás para sempre, livre do sol e da chuva, criando tuas saúvas.	-Esse chão te é bem conhecido (bebeu teu suor vendido). -Esse chão te é bem conhecido (bebeu o moço antigo). -Esse chão te é bem conhecido (bebeu tua força de marido).
-Não é cova grande, é cova medida, é a terra que querias ver dividida,	-Agora trabalharás só para ti, não a meias, como antes em terra alheia	-Desse chão és bem conhecido (através de parentes e amigos). -Desse chão és bem conhecido

As avenidas do centro são melhores
mas são para os protegidos:
há sempre menos trabalho
e gorjetas pelo serviço
e é mais numeroso o pessoal
(toma mais tempo enterrar os ricos).

(B) -Pois eu me daria pôr contente
se me mandassem para cá.
Se trabalhasses no de Casa Amarela
não estarias a reclamar
De trabalhar no de Santo Amaro
deve alegrar-se o colega
porque parece que a gente
que se enterra no de Casa Amarela
está decidida a mudar-se
toda para debaixo da terra.
(...)

(A) -Então por que não pedes,
já que és de carreira, e antigo,
que te mandem para Santo Amaro
se achas mais leve o serviço?
Não creio que te mandassem
para as belas avenidas
onde estão os endereços

bairro também dos industriais,
dos membros das associações patronais
e dos que foram mais horizontais
nas profissões liberais.
Difícil é que consigas
aquele bairro, logo de saída.

(B) -Só pedi que me mandassem
para as urbanizações discretas,
com seus quarteirões apertados,
com suas cômodas de pedra.

(A) -Esse é o bairro dos funcionários,
inclusive extranumerários,
contratados e mensalistas
(menos os tarefeiros e diaristas).
Para lá vão os jornalistas,
os escritores, os artistas;
ali vão também os bancários,
as altas patentes dos comerciários,
os lojistas, os boticários,
os localizados aeroviários
e os de profissões liberais
que não se liberaram jamais.
(...)

(B) -É, deixo o subúrbio dos indigentes
onde se enterra toda essa gente
que o rio afoga na preamar
e sufoca na baixa-mar.

(A) -É a gente sem instituto,
gente de braços devolutos;
são os que jamais usam luto
e se enterram sem salvo-conduto.

(B) -É a gente dos enterros gratuitos
e dos defuntos ininterruptos.

(A) -É a gente retirante
que vem do Sertão de longe.
(...)
e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;
pois bem: quando sua morte chega,
temos de enterrá-los em terra seca.

(B) -Na verdade seria mais rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponte
dentro do rio e da morte.

(...)

(B) -E não precisava dinheiro,
e não precisava coveiro,
e não precisava oração
e não precisava inscrição.

(A) -Mas o que se vê não é isso:
é sempre nosso serviço
crescendo mais cada dia;
morre gente que nem vivia.

(B) -E esse povo lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba,
que vem buscar no Recife
poder morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando,
cemitérios esperando.

(A) -Não é viagem o que fazem,
vindo pôr essas caatingas, vargens;
aí está o seu erro:
vêm é seguindo seu próprio enterro.

Comentários:

Severino chega ao Recife e ouve a conversa de dois coveiros que exaltam os privilégios dos coveiros que trabalham nos cemitérios dos ricos. O diálogo mostra uma intertextualidade com o diálogo dos coveiros na peça Hamlet de Shakespeare.

11a. cena

O retirante se aproxima de um cais de rio, confessa não ter esperado muita coisa, pois tinha a consciência de que a vida não seria diferente na cidade. No entanto esperava que melhorassem suas condições de vida, com água, farinha e um pouco mais de expectativa de vida. Só que sem querer descobre, da conversa dos coveiros, que seguia seu próprio enterro:

".....
E chegando, aprendo que,
nessa viagem que eu fazia,
sem saber desde o Sertão,
meu próprio enterro eu seguia.
Só que devo ter chegado
adiantado de uns dias;
o enterro espera na porta:
o morto ainda está com vida.
A solução é apressar
a morte a que se decida
e pedir este rio,
que vem também lá de cima,
que me faça aquele enterro
que o coveiro descrevia:
caixão macio de lama,
mortalha macia e líquida,
....."

Comentários:

Influenciado pela conversa dos dois coveiros, Severino perde as esperanças e começa a desejar a morte, pois sente que veio acompanhando seu próprio enterro.

12a. cena

A décima segunda cena estabelece uma ruptura e ao mesmo tempo anuncia a próxima parte. Trata-se do encontro de Severino com a primeira forma de "otimismo" exterior ao personagem, um otimismo contido, possível em tais circunstâncias de vida. O retirante trava um diálogo com José, mestre carpina. Enquanto vai dando forma às suas angústias através de perguntas, recebe como resposta, na cena 13, o anúncio do nascimento do filho-esperança, filho do mestre carpina, que "saltou para dentro da vida", num jogo contínuo de antíteses em que se opõem as desesperanças severinas à esperança:

Seu José, mestre carpina,
que lhe pergunte permita:
há muito no lamaçal
e a vida que tem vivido
foi sempre comprada à vista?
-Severino, retirante,
sou de Nazaré da Mata,
mas tanto lá como aqui
jamais me fiaram nada:
a vida de cada dia
cada dia hei de comprá-la.
-Seu José, mestre carpina,
e que interesse, me diga,
há nessa vida a retalho
que é cada dia adquirida?
espera poder um dia
-Severino, retirante,
não sei bem o que lhe diga:
não é que espere comprar
em grosso de tais partidas,
mas o que compro a retalho
é, de qualquer forma, vida.
-Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vi

Comentários:

Severino, desanimado, aproxima-se de um cais do Rio Capibaribe e reflete sobre sua futura, que será causada pela miséria e não mais pela seca. Nesse momento, aproxima-se de um morador de um mocambo, o senhor José, e estabelece um diálogo com ele. Nesta conversa Severino demonstra seu pessimismo e desânimo e acaba por perguntar se vale a pena viver essa vida severina. Mestre Carpina, um ex-retirante experiente, pois mora ali há mais tempo, não sabe o que responder a Severino. Diz que sua vida é severina, dura, mas ainda é vida. Severino demonstra desejar o suicídio. São interrompidos por uma mulher que anuncia o nascimento do filho do mestre.

O Contraste da esperança

14a. cena

Aparecem para visitar o recém-nascido amigos, vizinhos e duas ciganas. Ao tomarem a palavra os elementos de cada grupo-coral, tecem loas, fazem predições, trazem presentes, em cena que reconstitui no lamaçal (presépio) ribeirinho o milagre da vida. Severino é colocado fora de cena, como mero observador em contato com a pequena alegria que faz o povo esquecer, por algum tempo, a dura realidade que carregam.

"-Todo o céu e a terra
lhe cantam louvor
e cada casa se torna
num mocambo sedutor.

.....
-E este rio de água
ou baça, de comer terra,
que jamais espelha o céu
hoje enfeitou-se de estrelas.

15a. cena

Ao trazer presentes para a criança, reis magos da miséria repartem a pobreza:

-Minha pobreza tal é	para meu filho amamentar;
que não trago presente grande:	aqui são todos irmãos,
trago para a mãe caranguejos	de leite, de lama, de ar.
pescados pôr esses mangues;	-Minha pobreza tal é
mamando leite de lama	que não tenho presente melhor:
conservará nosso sangue.	trago papel de jornal
-Minha pobreza tal é	para lhe servir de cobertor;
que coisa não posso ofertar;	cobrindo-se assim de letras
somente o leite que tenho	vai um dia dia ser doutor.

16a. cena

Ao tomarem a palavra, as duas ciganas tecem suas previsões. Num processo de perfeita identidade do homem ao meio no qual vive, as videntes tiram lições - educação pela pedra? - de sobrevivência. A primeira cigana toma a palavra, antecipa para a criança o mesmo destino do pai; a segunda cigana prediz um outro destino, que levará o menino às máquinas e a paragens nos mangues melhores do Beberibe. Diz:

A primeira cigana:	A segunda cigana:
aprenderá a caminhar	Minha amiga se esqueceu
na lama, com goiamuns,	de dizer todas as linhas;

e a correr o ensinarão
os anfíbios caranguejos,
pelo que será anfíbio
como a gente daqui mesmo.
Cedo aprenderá a caçar:
primeiro, com as galinhas,
que é catando pelo chão
tudo o que cheira comida;
depois, aprenderá com
outras espécies de bichos:
com os porcos nos monturos,
com os cachorros no lixo,
Vejo-o, uns anos mais tarde,
na ilha do Maruim,
vestido negro de lama,
voltar de pescar siris.

não pensem que a vida dele
há de ser sempre daninha.
Enxergo daqui a planura
que é a vida do homem de ofício,
bem mais sadia que os mangues,
tenha embora precipícios.
Não o vejo dentro dos mangues,
vejo-o dentro dos mangues,
se está negro não é lama,
é graxa de sua máquina,
(...)

17a. cena

Chegam os vizinhos e cantam a beleza do recém-nascido. Os atributos que distinguem a criança são os mesmos que marcam toda a população restante. Criança magra, franzina, pálida, pequena, mas a criança que vai fazer minar um pouco de vida:

-E belo porque com o novo
todo o velho contagia.
-Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.
-Infecciona a miséria
com vida nova e sadia.
-Com oásis, o deserto,
com ventos, a calmaria.

18a. cena

Neste último segmento, após a valorização da vida, o mestre carpina toma a palavra, dialoga com Severino, que é chamado, mas permanece mudo. Retomando a última pergunta feita pelo retirante - "se não vale mais saltar/ fora da ponte e da vida" - José vai procurar defender o que lhe parece difícil:

É difícil defender,	que também se chama vida,
só com palavras, a vida,	ver a fábrica que ela mesma,
ainda mais quando ela é	teimosamente, se fabrica,
esta que vê, severina;	vê-la brotar como há pouco
mas se responder não pude	em nova vida explodida;
à pergunta que fazia,	mesmo quando é assim pequena
ela, a vida, a respondeu	a explosão, como a ocorrida;
com sua presença viva;	mesmo quando é uma explosão
e não há melhor resposta	como a de há pouco, franzina;
que o espetáculo da vida:	mesmo quando é explosão
vê-la desfiar seu fio,	de uma vida severina.

Comentários:

A própria vida pareceu responder a Severino sobre suas dúvidas, já que as palavras do mestre carpinteiro, não conseguiram convencê-lo de que a vida vale a pena. Esse final, de rara beleza, consegue unir as duas pontas da peça, justificando seu título.

Fonte: *Professor Bondan - Marcos Petrillo Bondan - Porto Alegre - RS*